EUNICE KATUNDA: CONTRIBUIÇÃO À PESQUISA DE FONTES PRIMÁRIAS

Carlos Kater*

A pesquisa relativa à música brasileira contemporânea — na ótica de uma musicologia concebida a fim de estudar e preservar hoje o que se tornará passado amanhã — se processa com grandes limitações no Brasil.

Muitas lacunas, de fundamental importância, continuam ainda injustificadamente a descoberto. Elas dificultam, senão impossibilitam, a compreensão e a própria consciência da trajetória musical brasileira efetuada por seus agentes: de esforços individuais às conquistas técnicas e estéticas a nível mais amplo.

Esse motivo explica em parte a razão do constrangido e constrangedor "o Brasil não tem história". Temos, produzimos história, simplesmente não a incorporamos, desprezando incessantemente oportunidades de compreendê-la melhor e, a partir daí, agirmos com pertinência.

Embora o nome de Eunice Katunda figure em algumas das mais importantes obras internacionais de referência — "Who is who of Music", "Delta Larousse", "Enzyclopaedie der Modern Musk" —, embora enquanto intérprete tenha sido ela responsável por primeiras audições de músicas de alguns dos mais expressivos autores de sua época — tanto nacionais quanto estrangeiros —, embora como compositora tenha tido peças executadas no Brasil e no exterior e com isso tudo participado ativamente de um dos mais significativos momentos da história da música brasileira nesse século, sua trajetória e sua obra são ainda praticamente desconhecidas entre nós.

* Compositor e musicólogo; Doutor pela Universidade de Paris IV — Sorbonne; Prof. da Escola de Música da UFMG; Coordenador do NAPq (Núcleo de Apoio à Pesquisa) da Escola de Música da UFMG.

A presente pesquisa consistiu no levantamento total do acervo de documentos da pianista e compositora, bem como das mais representativas bibliotecas do país e acervos particulares de diversos músicos. Seus escritos, obras musicais e correspondências foram em grande parte recuperados, organizados, classificados, microfilmados. Parte da pesquisa resultou no trabalho: "Eunice Katunda, informações biográficas e catálogo de obras" [1].

Eunice Katunda, musicista brasileira

Eunice do Monte Lima nasceu no Rio de Janeiro a 14 de março de 1915, tendo falecido em S. José dos Campos/SP em agosto passado.

Estudou com Mima Oswald – filha do compositor Henrique Oswald –, Branca Bilhar, Oscar Guanabarino, Marietta Lion, Furio Franceschini, C. Guarnieri.

Com 12 anos realiza sua estréia como pianista, num recital solo no Salão Nobre do antigo Instituto Nacional de Música e com 17 anos dá seu primeiro concerto como solista junto à Orquestra Sinfônica Municipal do Rio de Janeiro. 05/09/1941, estréia em São Paulo, interpretando no Teatro Municipal o Concerto n. 4, de Beethoven. Esta apresentação estabelece um marco em suas atividades artísticas, a partir do qual ela considerou ter de fato iniciado sua carreira pianística

Desde 1944 realiza concertos e recitais, no Brasil e exterior, oferecendo nos programas obras de autores brasileiros – os quais quase sempre ao longo de sua carreira buscou privilegiar –, várias delas em primeira audição.

Verificaremos uma intensificação de suas atividades e uma re-orientação de sua trajetória a partir de 1946, quando mudando-se para o Rio de Janeiro, conhece H. J. Koellreutter, mentor do movimento "Música Viva". Inicia um período de formação marcante que durou até 1950[2]. O conhecimento da produção contemporânea internacional, particularmente do serialismo, foi obtido junto ao mestre alemão radicado no Brasil.

Compõe sob sua orientação a cantata "O negrinho do pastoreio", obra de

---

[1] Realizada no âmbito do Instituto de Artes da UNESP, a pesquisa compreendeu levantamento, classificação e microfilmagem do acervo total de documentos de Eunice Katunda – obras, escritos, correspondências –, com cruzamento junto aos principais acervos públicos e privados do país. Para o trabalho final, com divulgação parcial dos resultados, ver: KATER (C.), Eunice Katunda, informações biográficas e catálogo de obras. São Paulo: Atravez/CePPeM, 1987, onde figuram dados relativos às 81 músicas da compositora.

[2] Para considerações mais extensas sobre o movimento Música Viva e a participação de Eunice Katunda, ver: KATER (C.), Música Viva, movimentos em direção à modernidade. SP, 1990 (no prelo).

fatura modal, que rapidamente se fez conhecida, propiciando à autora o prêmio Música Viva para jovens compositores em 1946. Ao assistir sua estréia, Aaron Copland chegou a considerar Eunice Katunda uma das mais promissoras compositoras modernas do Brasil.

Sua participação nas iniciativas musicais promovidas pelo movimento é grande e quase imediata. Toca praticamente todas as semanas na Rádio Ministério da Educação, no programa intitulado "Música Viva" e torna-se nesse período a pianista oficial do grupo (junto com H. Alimonda).

Ao lado de Cláudio Santoro, Guerra Peixe, Edino Krieger e naturalmente Koellreutter, ela integra o primeiro escalão do movimento.

De 1947 a 50, será responsável por primeiras audições regionais e nacionais de composições estrangeiras e estréias mundiais de música nova brasileira. Obras de autores como Paul Hindemith, Juan Carlos Paz, ao lado de Santoro, Guerra Peixe, dela própria, passam a ser uma constante em seu repertório.

Em 1948 participa do Curso Internacional de Regência, ministrado por Hermann Scherchen, no âmbito da Bienal de Veneza. Usufrui intensamente do contato com o primeiro criador de "Música Viva", regente responsável por primeiras audições mundiais de obras de Berg, Webern, Schoenberg, Hába, Dessau, Dallapiccola, Henze e tantos compositores de vanguarda. Simultaneamente estuda técnica serial com Bruno Maderna. Junto a ele e Luigi Nono, desenvolveu nesse "período italiano" uma amizade, que apesar da distância prolongou-se por vários anos.

Seu primeiro trabalho orquestral, "Cantos à morte", teve estréia mundial sob a regência de H. Scherchen, num programa apresentado e gravado pela Rádio Difusão Suíça, de Zurique, em dezembro de 1948.

Durante o "Festival Brasiliano", realizado no Piccolo Teatro de Milão, em 09/12/1948, interpretou em primeira audição italiana as "Cirandas", de Villa-Lobos, e as "Três peças para piano, cordas e timpanos" (1946), de Radamés Gnattali. "Ludus Tonalis", de Paul Hindemith (EUA, 1942), foi uma das obras em primeira audição italiana dadas por Eunice Katunda e ao que parece esse "Cravo bem temperado da modernidade" deve também à pianista brasileira sua estréia européia.

Em 1950, seu quinteto "Homenagem à Schoenberg" é escolhido por um juri internacional para ser apresentado no XXIV Festival da Sociedade Internacional de Música Contemporânea, em Bruxelas. Essa foi a única obra de compositor latino-americano representado no programa, no qual figuravam nomes como Jolivet, Eisler, Webern, Fortner, Milhaud, entre outros.

Na polêmica que convulcionou o ambiente musical brasileiro em 50 (ocasião em que Camargo Guarnieri lança em São Paulo sua "Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil", reacendendo a polêmica entre "nacional × universal", "tonal × serial" e criticando ferozmente a música atonal, representada

pelo grupo Música Viva)[3], Eunice Katunda — que até aquele momento, havia se posicionado favoravelmente à abertura estética e à postura evolucionista do ponto de vista histórico — recuará, pressionada por seu engajamento político. Assim, a partir do caloroso debate público realizado em São Paulo, a 07/12/1950, no grande auditório do Museu de Arte, abandona "Música Viva". Volta-se ao "nacionalismo", lançando-se mais decisivamente à pesquisa e ao estudo das manifestações musicais tipicamente brasileiras.

A obediência às normas partidárias, delimitando fronteiras de filiação estética, impõe a substituição do "novo" pelo "povo", gerando dicotomia e ruptura em seus objetivos.

Alguns de seus trabalhos pedagógicos representam a busca dessa sonhada síntese, integrando participação a nível social e descobertas musicais contemporâneas. Suas primeiras propostas didáticas podem de fato ser retraçadas aos cursos de iniciação musical ministrados logo a partir de 1951, no ativo Museu de Arte Moderna de SP.

De 55 a 58 cria e dirige programas musicais de caráter popularizante nas rádios Gazeta e Nacional de São paulo, nos quais atuava como regente, arranjadora e pianista. Nesse novo momento de síntese, ela dará primeiras audições de peças de compositores contemporâneos de formação erudita — "Peixe de prata", de Gilberto Mendes, "Música para cordas", de Rogério Duprat, "Suite nordestina", de Guerra Peixe, "João Sebastião Bach vai à cidade", de A. Templeton, entre outras —, ao lado de um trabalho intenso de adaptação de música do nordeste do país, cantos de romeiro, candomblé, etc...

Segue-se a essa época uma série de viagens à Bahia, realizando pesquisa, estudo e coleta de cantos empregados nos rituais de candomblé. Isto reforçou e deu continuidade à sua tendência nativista, procura de raízes, sentimento de brasilidade. Tentativa enfim de identificação com o verdadeiro popular e folclórico, numa ótica de certa forma muito semelhante àquela desenvolvida por sua mãe, a pintora Grauben, em seus quadros.

A brilhante carreira pianística de Eunice Katunda incluiu recitais em várias salas do Brasil, América Latina (Argentina, Uruguai), Europa (Itália, Suíça) e Estados Unidos, vários prêmios nacionais e internacionais e primeiras audições sejam brasileiras sejam regionais de obras de B. Bartok, I. Stravinsky ("Sonata, 1924"), A. Berg ("Sonata, opus 1"), A. Schoenberg (Opus 19 e opus 33), etc.. 27 de Maio de 68: realiza sua primeira tournée americana, apresentando-se no Carnegie Recital Hall, obtendo aí consagração internacional.

Nunca restringiu seus interesses a uma linha estética, nem ao musical apenas. Esteve sempre próxima da poesia, literatura, teatro, composição, piano,

---

[3] NEVES (J.M.), Música Contemporânea Brasileira, fornece uma representativa coletânea de documentos da época, tecendo com grande pertinência considerações sobre essa questão.

política, regência, religião. Sofreu as conseqüências de sua época, menos como mulher e mais como pessoa engajada ideologicamente. Difícil não lembrar aqui de Pagú, sua contemporânea. Manteve-se, assim como boa parte dos artistas e intelectuais ativos de seu tempo, filiada ao PC. Foi presa em 1952, teve sua entrada proibida no Teatro Municipal de São Paulo às vésperas de um concerto sob a acusação de "comunista confessa", em 1965. Decepcionada pelo sectarismo, autoritarismo e vazio de proposta, abandona finalmente em 1954 o Partido Comunista, ao qual esteve filiada desde 1936, em protesto à invasão da Hungria.

Com todos os desníveis e irregularidades verificáveis em sua produção, o piano, a composição, a música enfim lhe significaram, antes de um objetivo, meios de alcançar algo maior.

Assim, o recurso freqüente ao popular não aparece como simples resultante de um compromisso político em sua obra. Este, ao que parece, incidiu mais diretamente no volume de suas atividades. Por isso, mesmo tendo desde sua primeira composição realizado incursões no universo musical popular e emprestado com freqüência materiais originários do folclore, Eunice Katunda não pode ser considerada uma autora nacionalista, no sentido usual do termo. Isto é igualmente verdade em relação à vanguarda. O dodecafonismo aparece em suas músicas enquanto simples recurso técnico, jamais enquanto característica sistemática de estilo e linguagem. Na maioria das vezes, o empregado da série de doze sons ocorre praticamente como um estímulo episódico, jamais respeitando estritamente as leis dodecafônicas; adaptando-as portanto às suas necessidades de estilo e às dos próprios materiais, muitas vezes originários do popular.

Mulher exótica, artista brasileira, fez convergir suas intenções para o contemporâneo e o nacional; a coragem lhe possibilitou que a vida e a música significassem algo extenso, muito mais amplo do que meras definições momentâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, L. H. C. de. *150 anos de música no Brasil:* 1800-1959. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

MARIZ, V. *Figuras da música brasileira contemporânea.* 2. ed. Brasília: UnB, 1970.

_____. *História da música no Brasil.* 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

NEVES, J. M. *Música contemporânea brasileira.* São Paulo: Ricordi, 1981.